

OS JACOBINOS DE ÉBANO

Flávio Aguiar¹

Esse é um livro excepcional. É um clássico da historiografia, do marxismo, do estilo. Chega ao Brasil (em tradução) com 62 anos de atraso. A versão de Afonso Teixeira Filho é cuidadosa e criativa, muito bem anotada, com esclarecimentos precisos que dispensam o leitor da cansativa ida a dicionários e enciclopédias.

Por partes. Primeiro, o autor. CLR James se apresenta como nativo das *West Indies*, isto é, o Caribe de língua inglesa. Nesta apresentação já vai uma escolha. Ele não se diz filho de uma ilha (Trinidad), mas de um arquipélago, uma região, uma situação política. Foi, em 1932, para a Inglaterra, onde viveu até o fim de sua vida, recentemente tornou-se um dos principais comentaristas esportivos do críquete, aquele jogo que lá arrasta multidões e que é parecido com o *taco*, que aqui no Brasil a gurizada joga na rua. Publicou clássicos a respeito. Além disso, tornou-se um dos grandes historiadores da escravidão, do Haiti e dos movimentos revolucionários no Caribe e na África. Marxista de inspiração trotskista, tornou-se também um dos publicistas mais empenhados com os movimentos de libertação na América e na África. Algum tempo depois de chegar à Inglaterra passou uma temporada em Paris, graças ao apoio financeiro de amigos - Harry e Elisabeth Spencer - que lhe deram noventa libras para que fizesse a viagem. Na França, começou a pesquisar de modo sistemático sobre a história do Haiti, inspirado pela idéia de escrever um livro sobre a opressão dos negros - no momento em que as teorias sobre a supremacia branca estavam em dramática ascensão. Daí nasceu *The black jacobins*.

O livro é um clássico da historiografia. Não resta dúvida. Conta e analisa de modo preciso e documentado a história de uma

¹ Professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

das revoluções mais fascinantes que o mundo já conheceu: a guerra de libertação e independência do Haiti. Foi a primeira e a única revolta de escravos a vencer a luta contra seus opressores na história da humanidade. O livro expõe os estreitos vínculos da revolta haitiana com as idéias e as vicissitudes da Revolução Francesa, a partir de seus prolegômenos, embora os levantes de escravos na Ilha de São Domingos fossem mais antigos. Sua leitura confirma uma impressão aparentemente paradoxal: o Haiti é o país por excelência da modernidade, pois só a partir da construção desses ideais pode-se imaginar uma nação construída por escravos.

Além disso, o livro é um clássico do pensamento marxista. Em primeiro lugar, analisa com rigor as vicissitudes que levaram à revolta dos escravos, para se livrarem da opressão cruel de seus senhores - uma das mais cruéis do mundo - a se transformar numa revolução. Desenha o jogo de interesses políticos entre os chefes negros, as alianças com os enviados da metrópole, os interesses que delineiam os diferentes papéis conforme a revolução avança ou recua. É tão rigoroso na análise dos interesses dos escravistas quanto na dos abolicionistas e dos negros escravos. Acompanha as manobras que têm por lugar ora a metade da ilha em chamuscas no Caribe, ora a Assembléia Nacional Francesa, onde, pela primeira vez na história da humanidade, abole-se a escravidão nacionalmente, incluindo as colônias, embora a reação posterior torne o recuo nessa questão previsível e inevitável. Daí, mostra como que o intuito dos primeiros chefes, de se agregarem à nova cidadania francesa, torna-se inviável, e a independência passa então a ser uma reivindicação de primeiro plano, proclamada por Dessalines em 1º de janeiro de 1804.

Nesse sentido marxista, é um clássico também por empreender a biografia analítica e crítica de um dos homens mais extraordinários que o mundo conheceu: Toussaint L'Ouverture, o líder incontestado das primeiras fases revolucionárias, preso à traição em 1802 e morto de frio e inanição nos Alpes, em 1803. Nascido em 1743, teve uma formação pouco comum para um escravo.

Tornou-se administrador de gado da fazenda onde era escravo. James o descreve como taciturno e reto de caráter. Além da própria experiência, contou com um auxiliar precioso para formar sua mente de revolucionário: um livro que, curiosamente, não era de nenhum enciclopedista, mas de um padre; uma história da escravidão e da colonização nas Índias Ocidentais e Orientais escrita pelo Padre Raynal, na França, um dos grandes libelos abolicionistas do século XVIII.

Com a liderança de Toussaint, as massas revoltadas do futuro Haiti vão derrotando os principais exércitos do tempo: os franceses, os britânicos e os espanhóis. O livro de CLR James mostra, de modo irretorquível, como o destino de uma revolução está intimamente embricado com o destino, o caráter e a formação de seus chefes. Expõe de modo dramático a catástrofe que foi para a nova nação a perda de seu líder melhor e mais bem formado, logo envolta ela em conflitos fratricidas e, a seguir, numa perseguição implacável aos brancos remanescentes que só fizeram privá-la de quadros insubstituíveis na ocasião - uma vez que o cerco internacional se pronunciava, movido pelos interesses imperiais napoleônicos primeiro, depois pela política da Santa Aliança vitoriosa, e pelos latifundiários escravagistas nas três Américas, onde o caso haitiano era considerado de uma petulância insuportável. Pode-se dizer que a leitura de *The Black Jacobins* demonstra que, se o primeiro dever do revolucionário, como dizia Guevara, é fazer a revolução, o dever zero é de permanecer vivo para fazê-lo. Ao contrário do que pregava um marxismo idealista de algumas décadas atrás, levam-se séculos para se formar um revolucionário, e ele, na verdade, é insubstituível.

Por fim, citei que o livro é um clássico do ponto de vista do estilo. É um livro escrito com paixão imorredoura, com alma, descrevendo os movimentos da história e procurando captar-lhes a forma e o espírito. Pode-se dizer que é escrito quase como num grande discurso indireto livre, no qual os personagens, como sombras do que foram, vêm ao proscênio para falarem por si, ou de seus

movimentos. E a tradução de Afonso faz jus a esse esforço do escritor original. Veja-se um trecho, à pág. 224:

"Na verdade o movimento popular adquirira uma enorme confiança em si mesmo. Os antigos escravos derrotaram os colonos brancos, espanhóis ou franceses, e conquistaram então a liberdade. Estavam conscientes da política francesa, pois esta lhes dizia respeito de perto. Homens negros, antes escravos, eram, então, deputados do Parlamento francês; homens negros, antes escravos, negociavam com o Governo francês e com governantes estrangeiros; homens negros, antes escravos, preenchiam os mais altos postos da colônia. Havia Toussaint, antes escravo, incredivelmente grandioso, poderoso e de longe o maior homem de São Domingos. Não era preciso ter vergonha de ser negro".

Realmente.

Os jacobinos negros (The Black Jacobins), Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos, de CLR James. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001. Tradução Afonso Teixeira Filho.